

## UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE DE SAINT-EXUPÉRY*

A PHILOSOPHICAL APPROACH TO SAINT-EXUPÉRY'S *THE LITTLE PRINCE*

Mauro Ricardo de Freitas<sup>1</sup>

### RESUMO:

O presente artigo apresenta uma abordagem filosófica da obra de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*. O objetivo do estudo é analisar a alegoria criada por Saint-Exupéry, e responder a questão da possibilidade de fazer filosofia a partir desse texto. Este estudo utilizou a metodologia da pesquisa bibliográfica, recorrendo além da obra do próprio autor, o pensamento de Luc Ferry expresso na obra *Aprender a Viver*, do ano de 2006, e de Jean-Philippe Ravoux, *Donner um sens à l'existence*, de 2008. O primeiro ponto narra um pouco da vida e da obra de Saint-Exupéry como aquele que fez de sua existência uma constante busca. No segundo, a obra é analisada em três temas interligados: primeiramente, a construção da identidade humana; num segundo momento, o encontro de significado e sentido na intersubjetividade; e por último, a morte como continuidade e retorno. No decorrer do artigo foi desenvolvida a proposta de fazer uma leitura filosófica da obra *O Pequeno Príncipe*, concretizando o objetivo inicial.

**Palavras-chave:** *O Pequeno Príncipe*; Identidade; Intersubjetividade; Educação; Morte.

### ABSTRACT:

The present article demonstrates a philosophical approach of the book written by Saint-Exupéry, *The Little Prince*. The objective is to analyze the allegory created by Saint-Exupéry, and answer the question of the possibility of doing philosophy that has as its starting point the text. This study used the methodology of the research literature, drawing, beyond the author's own work, the thoughts of Luc Ferry contained in the book *Learning to Live*, in 2006, and Jean-Philippe Ravoux in *Donner a sens à l'existence*, in 2008. The first point tells part of the life and work of Saint-Exupéry as the writer who made his life a constant search. In the second, the work is analyzed in three interrelated themes: first, the construction of human identity, in a second time, the meeting of meaning and direction in intersubjectivity and, finally, death and continuity and return. During the study proposal was developed to exercise a philosophical reading of the work *The Little Prince*, achieving thus the initial objective.

**Keywords:** *The Little Prince*; Identity; Intersubjectivity; Education; Death.

Os homens do teu planeta cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram.

Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*

## INTRODUÇÃO

O estudo da filosofia nas escolas brasileiras ganhou força com a nova LDB do ano de 1996. A partir dessa data as escolas começaram uma adaptação de currículo para incluir aulas de filosofia, onde ainda não havia. As discussões a respeito do estudo da filosofia nas escolas

---

<sup>1</sup> Especialista em Filosofia pela Universidade Gama Filho.

movimentaram os debates interno e externo acerca das políticas educacionais e em relação ao que ensinar nessas aulas. Dentro desse movimento surgiram muitos apontamentos interessantes, mas uma dificuldade permeou as reflexões revelando tendências não contrárias, mas paralelas. Enquanto uns pensam a filosofia na escola como uma oportunidade de estudar temas filosóficos e incentivar os alunos a desenvolver a capacidade de filosofar, outros defendem a ideia que sem um passeio pela história da filosofia é impossível conhecer realmente o que é filosofia. Quase que numa disputa dialética surge a proposta de estudar os temas filosóficos contemplando as diversas posições tomadas na história em relação a cada um dos temas estudados.

A prática da filosofia nos currículos escolares é algo relativamente novo e que está criando consistência aos poucos em nosso país. O incentivo cada vez maior para o estudo e o estímulo do filosofar nas escolas fez com que muitos especialistas elaborassem os mais diversos materiais didáticos para amparar a necessidade criada. O fato de existir vários e bons materiais de estudo de filosofia não quer dizer que a caminhada está pronta e que todas as possibilidades estão esgotadas. Muito pelo contrário, quanto mais condições de encontro o aluno tiver com a filosofia, maior a possibilidade de seu encantamento com ela. Sem este encantamento, somente com conteúdo transmitido, a filosofia não vai ter dado a colaboração em formar cidadãos críticos como aponta a LDB.

Diante de tal cenário, a exploração dos materiais existentes pode enriquecer a caminhada já realizada até aqui. Apontar sempre novos caminhos e possibilidades é papel do professor-pesquisador. Não há respostas prontas, pois se houvesse até mesmo a filosofia seria desnecessária. Apesar de todas as pesquisas e direcionamentos, ainda existe dificuldade de estudar filosofia de maneira simples e, ao mesmo tempo, profunda. Muitas obras aparentemente simples podem nos ajudar nesse processo. Obras que marcaram época ou mesmo contos e fábulas podem se tornar fontes de meditação filosófica em sala de aula desde que usada com clareza e método.

Entre as obras que se tornaram clássicos na literatura infanto-juvenil destaca-se o livro “O pequeno príncipe” de Saint Exupéry. A obra que já foi publicada em muitos países praticamente fez parte das leituras obrigatórias da adolescência de toda uma geração. De linguagem simples e de fácil compreensão o autor conseguiu levar encanto e mensagem a muita gente. Em relação a discussão sobre a necessidade de desenvolvimento de materiais e propostas de estudos filosóficos surge a seguinte questão: É possível estudar filosofia a partir

da obra ‘o pequeno príncipe’ de Saint Exupéry? Estudar a obra ‘o pequeno príncipe’ sob a ótica da filosofia pode se tornar um desafio enriquecedor para todos. O simples fato de ser uma obra que reflete a vida a partir de coisas simples, já é de certa forma uma maneira de fazer filosofia. Porém, para compreender o pensamento do autor e as possibilidades que ele nos abre com sua obra, se torna necessário um olhar mais detalhado e atencioso sobre o livro e a vida do autor.

Apesar de o texto ser tão conhecido e difundido, os comentários a seu respeito são ainda, muito poucos. Muitos citam pequenos trechos ou pensamentos do autor, mas um estudo mais sistematizado ainda é difícil de encontrar. Talvez por achar que o livro seja apenas uma obra para criança desprovida de profundidade e reflexão. Somente um livro recheado de devaneios e imaginações. Contudo, a realidade mostra que o livro ‘O Pequeno Príncipe’ continua vivo na memória de muitos adultos.

Com um olhar concentrado na realidade do estudo da filosofia é necessário reunir forças para uma ponderação simples e ao mesmo tempo verdadeira sobre o problema levantado. O artigo, portanto, terá como objetivo geral propor um estudo filosófico em que o ponto de partida seja a obra “O Pequeno Príncipe”. Não esgotar as possibilidades de estudo, porém fazer apontamentos que sejam luzes para um aprofundamento posterior.

Além de um objetivo geral não se pode descartar outros objetivos específicos que guiarão este pequeno artigo. No decorrer do trabalho será nossa intenção: Contextualizar a vida e a obra de Saint Exupéry; apontar temas filosóficos que podem ser estudados a partir da obra “O Pequeno Príncipe”, demonstrar que a obra “O Pequeno Príncipe” pode ser considerada uma fonte de reflexão filosófica, traçar caminhos de estudo para jovens e adolescentes motivados pela obra de Saint Exupéry.

No interior de Minas Gerais quando as pessoas se reúnem em torno de uma fogueira as histórias brotam espontaneamente. As fogueiras das festas de São João são testemunhas de como crianças gostam de histórias e aprendem com elas. As crianças levadas por viagens imaginárias começam a conhecer o desconhecido. O primeiro contato com o livro ‘O Pequeno Príncipe’, pode fazer um adolescente mais sonhador. A viagem do príncipezinho parece ser a viagem que muitos querem fazer. A história impressiona, primeiro pela sua simplicidade e facilidade na leitura. Num segundo momento pela beleza que encontra naquilo que se julga ser simples.

A obra de Saint Exupéry encanta a muitas pessoas. Um estudo focalizado em apontamentos filosóficos encontrados diretamente ou nas entrelinhas do texto motivará outros estudos a buscar coisas parecidas. Os clássicos da literatura infantil e infanto-juvenil têm muito dessas coisas, uma filosofia apresentada de modo simples, mas não menos profundo e racional. O jeito de se comunicar facilmente facilita o relacionamento que constrói verdadeiros conhecimentos. Este artigo, portanto, quer ser uma motivação de busca aos clássicos da literatura infantil, para construir conhecimentos filosóficos sólidos e incentivadores para os adolescentes e jovens.

Para corroborar o estudo irão ser pesquisadas outras obras do próprio Saint Exupéry. Contudo, duas obras irão direcionar a reflexão: ‘Donner un sens à l’existence’ de Jean-Philippe Ravoux e ‘Aprender a Viver’ de Luc Ferry. E, ainda uma bibliografia filosófica complementar que dará suporte ao estudo sugerido.

## 1. ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: HUMANO, PILOTO E ESCRITOR

Sou um homem remexendo na cinza, à procura de alguma coisa. Um homem que se esforça para encontrar as brasas da vida, no fundo de uma fornalha apagada.

Saint-Exupéry, *Terra dos homens*

Terceiro filho do casal Jean de Saint-Exupéry e Marie de Foscolombe, Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry entra para a história no dia 29 de junho de 1900, na cidade de Lyon, na França. Seu pai pertencia a uma família aristocrática e conservava o título de conde e o prestígio do sobrenome. Contudo, Antoine praticamente conheceu seu pai somente através de fotos, pois ele morreu em 1904 deixando cinco filhos menores que foram criados pela mãe, em Saint-Maurice-de-Remens num castelo que pertencia à tia de Antoine.

Aos dez anos de idade Antoine já era aluno semi-interno no colégio Notre-Dame-de-Sainte-Croix e segundo cartas enviadas a sua mãe tinha uma prática religiosa católica: “comunguei esta manhã no colégio” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.34). Recebeu a formação católica dada pelos jesuítas. Aos dezessete começou a se preparar para o concurso de admissão à escola Naval e teve uma vida dedicada aos estudos. A Primeira Guerra Mundial, que marcou tanto a Europa deixa fortes impressões em Saint-Exupéry que assistiu em Paris algumas cenas, “Nada como ouvir o canhão, as metralhadoras e o rugido das bombas. Isso

cura a neurastenia de guerra, que pouco a pouco tomava conta dos civis” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 52). Em 1921, Antoine foi chamado para o serviço militar em Estraburgo e aí tem início sua luta para conseguir um brevê de piloto civil. Voar tornou-se sua paixão. Numa sequência de lutas contra a dificuldade material, contra a areia, contra a solidão, a injustiça, a sede e os homens, Saint-Exupéry constrói sua personalidade e sua visão do mundo, o que vai influenciá-lo posteriormente para escrever sua obra prima: ‘O Pequeno Príncipe’ (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 18-25).

Assim, como não se pode imaginar Saint-Exupéry sem o avião, que foi uma grande paixão na sua vida, também sem o deserto estaria incompleta esta imaginação. Como ele mesmo afirma: “O deserto... um dia me aconteceu chegar ao coração do deserto” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 88). O deserto faz na sua vida uma espécie de conversão. É no deserto que Antoine se volta para o homem e seus valores e suas misérias. A capacidade de adaptação e compreensão da vida nasce de relacionamentos nesta época. Os seus companheiros de trabalho ou mesmo os outros companheiros encontrados pelas areias fez Saint-Exupéry encontrar uma visão madura de humanidade que foi revelada em seus escritos.

No ano de 1929, Antoine foi designado diretor da Aeropostal Argentina. Inicia aí uma nova jornada importante da sua vida, agora na América do Sul. Dois anos depois ele casou com Consuelo Sucin de San Salvador, na Argentina, viúva do jornalista Gomez Carillo. No mesmo ano, depois de perder o emprego e passar por dificuldades, Saint-Exupéry volta a trabalhar na França. Outro fato que também marcou sua vida foi em 1935, quando ocorreu uma pane em seu avião, no deserto da Líbia e ele foi encontrado somente dois dias depois.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial Saint-Exupéry não esconde sua revolta, em carta a sua mãe, ele manifesta sua inquietação: “Porque tudo que amo sobre a Terra tem que ser ameaçado? O que me assusta, mais do que a guerra, é o mundo de amanhã” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.179). No início da Guerra Antoine trabalha na missão de reconhecimento estratégico junto com outros aviadores. Mas no final de 1940 foi exilado em Nova Iorque. Por fim, em julho do ano de 1944, em uma missão de reconhecimento em território francês, possivelmente seu avião foi abatido e Saint-Exupéry desapareceu.

Saint-Exupéry deixou várias obras publicadas. Nelas reconhecemos uma paixão pelo humano e pela vida aberta ao infinito. Algumas de suas principais obras são: Correio do Sul (1929), Vôo Noturno (1931), Terra dos homens (1939), Piloto de Guerra (1942), O Pequeno Príncipe (1943), Cidadela (publicação póstuma em 1948, pois não estava terminada quando

desapareceu), além de inúmeras cartas e artigos. Contudo, a obra que consagrou o autor e o tornou conhecido em todo mundo foi ‘O Pequeno príncipe’ que é tema do nosso artigo.

O livro ‘O Pequeno Príncipe’ é a história da experiência de um avião que por causa de uma pane no motor de seu avião, fez um pouso emergencial no meio do deserto do Saara, na África. Depois de adormecer é acordado por um príncipezinho que lhe pede para desenhar um carneiro. Em oito dias de contato com o pequeno príncipe muitas coisas novas e antigas são reveladas ao avião. Um pequeno menino, que veio de um pequeno planeta distante da terra, saiu em busca de conhecimento para entender e viver melhor com uma rosa que ele achava que era a única no mundo. Os encontros narrados pelo jovem príncipe encantam o avião. Em cada encontro um novo conhecimento, uma nova pergunta, um novo horizonte era aberto na vida daquele que buscava sentido para a existência. Uma raposa, uma cobra, uma flor, um poço no meio do deserto tudo é motivo de reflexão na história criada por Saint-Exupéry.

A história termina em forma de mistério. Um dia o avião acorda e não vê o pequeno príncipe e sai correndo à sua procura, quando o avista sentado num muro ao lado de uma serpente. No outro dia, em sinal de desespero o avião tenta ajudar o menino de todas as formas, mas ele está feliz porque tem a certeza que vai voltar ao seu mundo, ao seu planeta. Porém, uma dúvida fica com o avião, ao desenhar uma correia para o carneiro ele havia se esquecido de juntar a correia de couro, será que o carneiro iria devorar a orgulhosa flor do príncipezinho? Aberto para o pensamento termina a obra, assim como todos os encontros que dão sentido a nossa vida.

Segundo Paiva (2004), a época de guerra e o exílio fazem o autor encontrar na história do pequeno príncipe, um meio de fugir ao ódio dos homens e de penetrar no radioso mundo de sua infância. Toda a obra ‘O Pequeno Príncipe’ está recheada da realidade vivida pelo autor em sua vida que de forma alegórica tenta entender e dar sentido a tudo que viveu e ainda queria viver.

Antoine de Saint-Exupéry viveu uma constante busca de compreensão da vida e encontrou, na humanidade, respostas para suas dúvidas e angústias. A sua vida e o seu pensamento estão revelados em sua obra ‘O Pequeno Príncipe’. A obra ‘O Pequeno Príncipe’ que, a princípio, aparentemente, é um conto para criança se revela em oportunidade para meditações existenciais. Para Ravoux (2008, p.18) “O pequeno príncipe é uma alegoria onde se discerne a vontade de fazer compreender as crianças, como alcançar a verdadeira dignidade

do homem, continuando a olhar as coisas com a simplicidade de seus corações e não com a vaidade dos pretensiosos”. Na tônica existencial que o livro pode ser olhado surgem teorias que nos remetem ao sentido da vida. A Identidade encontrada na intersubjetividade faz desta obra uma aventura filosófica que ultrapassa até mesmo o medo da morte.

## **2. ELEMENTOS FILOSÓFICOS DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE***

O Pequeno Príncipe não é um livro de filosofia. Mas a obra de Saint-Exupéry está marcada com elementos filosóficos que podem ser encontrados numa leitura mais atenta do texto. Ravoux (2008) aponta as regras do método de Descartes como uma possibilidade de interpretação da obra. A fidelidade, a dúvida, a análise, a dedução ou síntese e a enumeração ou indução formal são muito importantes para conduzir bem a razão e chegar à verdade que determina o sentido de nossa existência.

O desafio de analisar a obra ‘O Pequeno Príncipe’ na perspectiva da filosofia é grande. A facilidade de nos perdermos nos diversos diálogos e acontecimentos narrados no livro, faz com que a necessidade de optar por alguns assuntos brote à nossa frente. A busca de identidade através do encontro com o outro e o sentido da vida e da morte fazem uma linha de reflexão, mas possivelmente não é a única.

### **2.1. Identidade: o encontro do pequeno príncipe com o aviador**

O sentimento do irremediável me fez gelar. Ele era para mim como uma fonte no deserto.

Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*

Segundo a obra de Saint-Exupéry, devido uma pane em seu avião o aviador foi forçado a aterrissar no deserto do Saara a quilômetros e quilômetros de qualquer lugar habitado. Sozinho levava consigo a experiência nostálgica de nunca alguém ter entendido os seus desenhos. Um homem que aprendeu a viver conforme as regras do mundo adulto, mas que verdadeiramente não sabia onde tinha chegado nem a razão maior de ser assim. A falta de amigos e a escondida sensação de falta de sentido na vida eram suas maiores companheiras até aquele momento de encontro com o menino no deserto. Saber quem era não era o

suficiente para dizer e construir sua identidade. O encontro com o pequeno príncipe vai abalar suas mais profundas estruturas com reflexões sobre a questão tantas vezes levantadas no decorrer de sua existência: quem sou eu? Para Ravoux (2008, p. 145), “a dúvida é a prova de uma identidade afetada”.

A antiga inscrição no templo de Apolo exalta a necessidade de saber quem somos: *Conhece-te a ti mesmo!* Segundo Buzzi (2002, p. 17) “Numa tradução livre, isto significava: reconhece que és capaz de conhecer! Apressa-te!” Reconhecer que somos capazes de nos conhecer mais é também um grande desafio para os tempos atuais. O conhecimento de nós mesmos é fundamental para a construção de nossa identidade. Mas como conhecer a nós mesmos? O aviador tentou construir-se nos moldes sociais ditados a ele, contudo é somente no encontro com um príncipezinho que ele vive uma luta entre sua criança interior e o adulto moldado pelo sistema.

Santo Agostinho (1984, p. 267), em suas confissões também revela que o caminho para a construção da identidade humana não é tarefa fácil: “Eu me atormento com esse problema, um problema que está dentro de mim; para mim mesmo tornei-me terreno de difícil e cansativa lavra... Então que há de mais próximo de mim do que eu mesmo?” Ir até os mais profundos recônditos do nosso interior e descobrir quem somos e para que existimos não é tarefa das mais fáceis.

Na história do encontro do aviador com o pequeno príncipe é apontado como um caminho para tal construção a redescoberta da inocência da criança que fomos um dia e que ainda habita em nós. O primeiro encontro com o príncipezinho é marcado por um pedido: ‘desenha-me um carneiro!’ o Aviador ao desenhar um elefante dentro de uma jibóia, sua única obra de arte da infância, fica surpreso quando pela primeira vez alguém entende o seu desenho. Finalmente tinha encontrado alguém que compartilhava da mesma cosmovisão. Depois de tentativas frustradas de desenhar o tal carneiro entregou ao menino o desenho de uma caixa argumentando que o carneiro estava lá dentro. A felicidade e satisfação tomaram conta do pequeno príncipe demonstrando o seu jeito diferente de ver o universo.

Nas palavras de Saint-Exupéry a ousadia de um primeiro passo para a construção da identidade: “Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.10). Seguir a intuição para não deixar incompleta a meta de construir a identidade pessoal e humana e se realizar conhecendo a si mesmo e o mundo. Foi

o início de um encontro no mínimo frutuoso para aquele homem que pode muito bem representar o humano na sua totalidade.

As conversas do aviador com o pequeno príncipe giram em torno de perguntas fundantes da filosofia: Quem sou eu? Quem é você? De onde vim? De onde você veio? Para onde vou? Para onde você vai? Essas perguntas são respondidas de maneira gradativa na história. Os diálogos entre o príncipezinho e o aviador são marcados por perguntas cujas respostas não vinham, de maneira fácil: “De onde vens, meu caro? Onde é tua casa? Para onde queres levar meu carneiro? (...) A cada dia eu ficava sabendo mais alguma coisa. Mas isso devagarzinho, ao acaso das informações colhidas de suas observações” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 14-19). O conhecimento do outro e do seu mundo é importantíssimo para o reforço da identidade própria. É no encontro com o outro que nos conhecemos de forma mais consistente.

No quinto dia de convivência entre o pequeno príncipe e o aviador uma revelação faz aprofundar a visão de mundo que o aviador havia construído até aquele momento. O príncipezinho tinha uma rosa em seu planeta. Um rosa a qual ele amava de todo coração. Esta rosa bonita e orgulhosa que tinha encantado o menino era também motivo de muitas de suas preocupações: Como cuidar de um carneiro em seu planeta sem que ele a comesse? A reflexão sobre o que é realmente importante para a vida é a tônica que se dá a esse episódio. De um lado o aviador concentrado em arrumar o motor de seu avião e do outro o príncipezinho angustiado com o perigo de um carneiro desenhado num papel comesse sua bela rosa. Uma pergunta brota de tal questão: O que é mais importante? A vida ou o sentido que damos a ela? A afirmativa do pequeno príncipe é direta “Tu confundes todas as coisas... Misturas tudo!” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.26) O fato é que o aviador estava preso ao que devia fazer pelo instinto natural de sobrevivência (consertar o motor) e o pequeno príncipe estava ligado ao sentido de toda a sua viagem pelo universo (uma rosa). Mais uma vez o pequeno menino mostra sabedoria insinuando que a vida vale pelo sentido que damos a ela e não pelas pequenas ou grandes coisas que fazemos.

A conversa entre o pequeno príncipe e o aviador continua com a história de como ele chegou até aquele deserto. Com uma série de paradas em planetas distantes e em cada planeta sempre uma pergunta para fazer o aviador pensar. Um rei que pensava que tinha autoridade. Um vaidoso que não ouvia nada além dos elogios feitos a ele. Um estranho bêbado que bebia para esquecer que bebia. Um homem que contava as estrelas do céu que possuía. Um

acendedor de lampiões num pequeno planeta que seguia o regulamento sem nunca questionar. Um geógrafo que não conhecia o seu planeta. E por último, a Terra e todo o caminho percorrido ao longo de um ano até aquele momento. Uma viagem com encontros questionadores que fazia o aviador pensar em si mesmo. Em cada história contada pelo pequeno príncipe o aviador ia notando como o mundo fabricado pelos seres humanos muitas vezes se esvazia de razão e se perde em meio a tantas explicações.

Segundo Ferry (2006, p. 300), “Toda grande filosofia resume em pensamentos uma experiência fundamental de humanidade”. No oitavo dia de pane em seu avião o aviador e o pequeno príncipe saem pelo deserto a procura de água, pois a que tinham acabara-se. Na caminhada pelo deserto em busca de um poço o aviador faz uma experiência de humanidade. Busca o invisível no meio de tanta areia: “As estrelas são belas por causa de uma flor que não se pode ver... O deserto é belo e o que o torna belo é que ele esconde um poço em algum lugar” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 75 e 76). A procura de um poço para saciar a sede faz o aviador mudar a sua visão de mundo: “Quer seja a casa, as estrelas ou o deserto, o que os torna belo é invisível” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.76).

A compreensão de si mesmo através das coisas é a proposta filosófica da caminhada no deserto. Para Buzzi (2002, p.26), é esse o caminho para a descoberta da identidade humana, “é o sair de si para entrar no abrigo de um outro fora de si”. O ato de andar pelo deserto é ir ao encontro de si mesmo. A experiência do deserto foi transformadora na vida de Saint-Exupéry e possivelmente foi esse um dos motivos dele colocar a história nesse cenário tão marcante para ele.

Em suma, a construção da identidade humana para o autor da obra ‘O Pequeno príncipe’ se dá através de dois movimentos. Um primeiro movimento para o interior da pessoa. O resgate de valores perdidos é essencial para a construção da identidade. E, um segundo movimento para o exterior. Sem o encontro com o outro e com o mundo é muito difícil a pessoa encontrar a si mesma. Está aberto o caminho para a intersubjetividade.

## 2.2. Intersubjetividade: O encontro do pequeno príncipe com a raposa

Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.  
Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*

O pequeno príncipe depois de ter vivido sua pior experiência na terra deitou na relva e chorou. Ele pensava que possuía uma rosa que era única no universo, mas quando chegou num jardim cheio de rosas percebeu que o que ele tinha era uma rosa como outras milhares de rosas daquele jardim e quem sabe de tantos outros lugares. O seu mundo caiu, pois ele se julgava importante por possuir aquela rosa única, mas agora não é mais tão poderoso como pensava. Foi nesse momento que um ‘bom dia’ interfere seus pensamentos tristes para um encontro que ia mudar a sua vida. Era uma raposa que se apresentava ao menino com o desejo de relacionar-se.

O ser humano é um ser de relação. Todo relacionamento abre possibilidades na vida. Uma das possibilidades apontadas no encontro do pequeno príncipe com a raposa é a do significado. Qual o significado que o outro tem na minha vida? Uma rosa igual a milhares de outras rosas. Uma raposa igual a centenas de outras raposas. Um menino igual a tantos outros meninos. O que diferencia um do outro? Segundo o diálogo entre o pequeno príncipe e a raposa o que faz a diferença entre as rosas é o significado. Quando andamos por uma rua encontramos com centenas de pessoas, mas quando avistamos alguém que conhecemos a nossa reação é diferente, pois esta pessoa tem um significado pra nós que a diferencia de todas as outras.

O encontro com o outro faz brotar em nós várias coisas. A ética surge quando o ser humano entende que não está sozinho no mundo. A alteridade ou o Outro Eu é um espelho que faz a gente entender quem nós somos. É no encontro com o outro que a nossa vida encontra o seu próprio significado. A essa relação com o outro damos o nome de intersubjetividade. É o encontro de dois sujeitos, de duas subjetividades, um Eu e um Tu. Segundo o filósofo Lima Vaz (1992, p.50) “na relação de intersubjetividade, a infinitude intencional do sujeito tem diante de si outra infinitude intencional, e é a reciprocidade da relação entre ambas que constitui o paradoxo próprio da intersubjetividade”. E afirma ainda “o Eu como estrutura só é tal na medida em que passa dialeticamente na relação de objetividade e, mediatizado por ela, na relação de intersubjetividade” (LIMA VAZ, 1992,

p.51). A relação com o outro se dá no mundo e será expresso através da linguagem e da cultura. Sem a presença do outro a própria construção da identidade está ameaçada.

O pequeno príncipe depois das devidas apresentações convida a raposa para brincar com ele. A raposa diz que não poderia brincar com ele enquanto não a cativasse. Cativar segundo a narração de Saint-Exupéry é criar laços em, outras palavras, dar significado um ao outro. O ato de cativar também está ligado diretamente ao conhecimento “a gente só conhece bem a coisas que cativou” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 67). Para Lima Vaz “a relação de intersubjetividade exerce em ato o conhecimento do outro na sua irreduzível originalidade em face da relação de objetividade, não obstante as formas deficientes e coisificantes que o encontro pode assumir, ou que podem desfigurá-lo”. Quando cativamos o outro a relação passa a ter sentido e o outro não é mais objeto e sim um Outro Eu. Martin Buber (1974) vai nessa direção quando ressalta que o ser humano deve ultrapassar a relação Eu-isso para uma relação Eu-Tu. O isso pode remeter a coisa ou objeto, mas quando damos significado ao outro como Outro Eu estabelece a relação Eu-Tu. O outro não é mais coisa ou objeto para mim.

Na relação do pequeno príncipe com a raposa os fundamentos constitutivos de uma relação cheia de significado vão surgindo aos poucos. A linguagem como elemento primordial de comunicação. O rito como parte integrante da identidade humana. “Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 67). O outro cria expectativas de felicidade quando se entrega num relacionamento de verdadeira intersubjetividade. As perdas e ganhos que temos com o encontro com o outro são positivas quando o outro passa de uma situação de coisa para uma situação de sujeito. Esta relação de igualdade se dá no mundo, ou seja, na realidade existencial em que o ser vive. Levinas (2005) afirma que o ser para realmente ser será na sua identidade um “ser-para-o-outro”. Quando o príncipezinho cativou a raposa criou laços com ela a ponto de entender que o outro, mesmo longe, é que dá razão a nossa vida e o solipsismo somente nos afunda a uma falta de sentido.

Na despedida do príncipezinho com a raposa uma revelação deixa o menino impressionado: “o essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 70). O que Saint-Exupéry queria afirmar com essa frase? Será aí uma abertura para a metafísica clássica? O que dá sentido da vida está além do mundo físico? Ravoux (2008) defende a idéia de que o pequeno príncipe é um grande tratado de metafísica do século XX. Quando faz o convite a

olharmos o essencial das coisas e dos seres, reafirma o valor da metafísica para a construção da identidade humana e o sentido para a sua vida. A essência do ser é aquilo que faz com que o ser seja ser e não coisa. Mas, essência é algo inerente ao ser ou é algo construído? Em outras palavras é o ser humano aquilo que deve ser segundo sua essência ou ele se constrói com um projeto no mundo? Ao que parece o pequeno príncipe é um ser em construção, ou seja, a sua existência precede sua essência que vai sendo descoberta e construída através do encontro como outro e com o mundo.

Nesse rico encontro do pequeno príncipe com a raposa, outra intuição filosófica é encontrada nas entrelinhas. Uma concepção de humano como parte integrante da natureza. Um ser humano que se relaciona com uma flor e aprende com uma raposa é um ser profundamente integrado ao mundo da natureza. O que é alegoria para representar o relacionamento humano é também fonte para alimentar uma ética do cuidado com o mundo que é nossa casa. Uma visão holística do mundo em que o ser humano se sente um ser-no-mundo e do mundo ajuda a edificar uma concepção de responsabilidade com aquilo de que fazemos parte. O relacionamento do pequeno príncipe com a natureza é modelo de responsabilidade com o outro. A rosa, os vulcões, a raposa as estrelas e o seu planeta são exemplos de seu cuidado com aquilo que ele se sente parte integrante.

A responsabilidade é a última teoria levantada pela raposa ao se despedir do pequeno príncipe: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 72). E o príncipezinho entende o recado: “Eu sou responsável pela minha rosa...”.(SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.72) O ser-para-o-outro é responsável pelo outro. É o nascimento de uma ética gerada pela intersubjetividade. Lima Vaz (1992, p.58) afirma que “a dimensão ética da relação de intersubjetividade manifesta-se originariamente à luz da mesma evidência com que se faz presente a existência do outro e, com ela, o fato primitivo do existir-com-o-outro”. O simples fato de existir o outro como sujeito cria em nós a necessidade de uma ética de responsabilidade. Quando o outro se torna um Outro Eu, eu me torno responsável por ele. A ética da responsabilidade é fruto da visão em que o ser humano está no mundo como parte desse mundo e em relação com os da mesma espécie. Luc Ferry (2007) vai além afirmando que a moral nos tempos hodiernos baseia-se na sacralização do outro, isto é, na divinização do humano.

O pequeno príncipe se despede da raposa satisfeito por ter aprendido a cativar e se responsabilizar por aquilo que cativou. Na intersubjetividade ele encontra significado e

sentido para a sua vida. Agora, está diante da possibilidade de voltar e assumir com responsabilidade sua situação no mundo e seus relacionamentos. Mas o que é voltar para Saint-Exupéry?

### **2.3. A morte: o encontro do pequeno príncipe com a serpente**

Aquele que eu toco devolvo à terra de onde veio.

Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*

O primeiro ser que o pequeno príncipe encontra no planeta terra é uma serpente do deserto. Ele queria encontrar os homens e fazer amigos para quem sabe assim entender melhor a sua rosa. Dois sentimentos estão no coração do menino naquele encontro. A ansiedade de entender as coisas da vida e a solidão de estar num deserto tão longe de tudo. O príncipezinho queria entender a vida, queria entender sua rosa e queria conhecer os homens. Porém, a serpente lhe apresenta a morte como solução para muitas dessas angústias. Mostrando o seu poder ela disse ao pequeno príncipe: “Eu posso levar-te mais longe que um navio” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.58) e, após um pouco de conversa, entendendo a busca do menino, para concluir este primeiro diálogo entre eles, ela afirma: “Posso ajudar-te um dia, se tiveres saudade do teu planeta” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.60). Vai se passar um ano até os dois se reencontrarem.

A morte é um acontecimento que marca a vida de todas as pessoas e sempre foi tema de debates entre os povos. Segundo o antropólogo Rodrigues (2007) para os seres humanos, a morte não se limita a pôr fim à existência corporal. Ela destrói ao mesmo tempo o ser social investido sobre a individualidade física. A morte, tendo uma importância que vai além do acontecimento físico para o ser humano, faz com que ele vá atrás de explicações. Desde os mitos até as religiões mais sistematizadas expuseram suas teorias sobre o que acontece com o ser humano depois que ele morre. A tentativa de explicar a morte e o que vem depois dela pode ser também uma reação ao medo e insegurança com o que vem depois.

O medo de morrer ou de como morrer está presente na vida de muitas pessoas. O fato de não saber o que acontece depois, ou mesmo se existe um depois, traz para o ser humano um sentimento de angústia. Chalita (2009, p.20) fala sobre sua insegurança diante da morte: “A morte é a primavera da alma. O que parece ser o fim da vida é vida em transformação.

Será isso? Porque o mistério?” Não há resposta única e absolutamente verdadeira para o assunto, e é por isso que sempre foi e sempre será um assunto atual.

Para um príncipezinho que queria entender sua rosa a proposta de morte colocada pela serpente é rapidamente compreendida por ele, “Eu te compreendo muito bem, mas porque falas sempre por enigma?” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 60). A afirmativa seguida de uma pergunta é que nos leva a ver o quanto realmente a morte é um assunto meio evitado pelos humanos e, quando falado, muitos preferem ser mais enigmáticos do que esclarecedores.

Muitos filósofos já trataram do assunto e um de grande destaque é Heidegger. Filósofo alemão do século XX, Heidegger vai dizer que o homem é um ser para a morte. A morte para o homem é totalmente diferente do fim que tem outros entes, como uma folha que cai de uma árvore, por exemplo. A morte é abordada como um fenômeno constituinte da existência humana e não como um simples fim de tudo. Batista (2010) comentando o filósofo afirma: “a morte para Heidegger é, por estranho que aparentemente possa parecer, um fenômeno existencial privilegiado, que se encontra profundamente entranhado no ser do homem como ser-no-mundo e ser-de-projeto”. O ser humano está num mundo e ele também é finito e a morte é uma experiência existencial integrada à vida.

Ser finito num mundo finito é experiência percebida pelos homens. Os animais até sentem a morte, mas de uma maneira instintiva e não passa a vida pensando nela. O ser humano ao contrário tem consciência de sua finitude e pensar na vida automaticamente o faz pensar também na morte. Heidegger afirma ainda que o ser humano para existir de maneira autêntica deve assumir a si mesmo diante da morte. A fuga da realidade que a morte faz parte da vida leva o homem a existir inautenticamente. Nogueira (2007, p.116) comentando o pensamento de Heidegger afirma: a morte “não é uma possibilidade que nos espera no fim do caminho, mas é aquela na qual já estamos lançados desde o dia em que nascemos”.

A vida autêntica é aquela que não foge da certeza que caminha para a morte. Assim, viver de frente para a morte nos dá o caráter de individualidade nos arrancando da massificação. Nogueira (2007, p. 119), continuando o seu comentário a Heidegger diz: “A existência autêntica fixa perenemente o olhar na morte e tudo vê à sua luz”. Se não damos sentido à morte consequentemente não damos sentido à vida.

Com o olhar para a obra ‘O Pequeno príncipe’ fica para nós uma pergunta: O que o autor quis dizer sobre a morte? Parece que para Saint-Exupéry, a morte está totalmente ligada à vida. Não há fuga, não há medo, contudo ela deve ter significado. O príncipezinho faz uma

longa jornada até reencontrar a serpente. Sem encontrar com outro e com o mundo sua vida não tinha sentido, conseqüentemente a sua morte também não. Segundo Ravoux (2008, p.48), “É através da consciência do nosso papel, por mais modesto que seja, é que nós podemos ser felizes, pois o que dá sentido à vida dá também sentido à morte” e assim, não precisamos temer a morte. Ela se torna parte integrante de nós. Não é o fim, mas o retorno. O retorno para o lugar de onde viemos. O retorno para a nossa casa.

De acordo com a biografia de Saint-Exupéry, ele teve uma educação cristã católica na infância. Possivelmente sob influência do cristianismo ele desenvolve a sua idéia sobre a morte. A fala da serpente prometendo devolver o príncipezinho à terra de onde ele veio faz lembrar a mensagem judaico-cristã que da terra o homem foi feito e para a terra ele um dia voltará. Aqui há a idéia da teologia católica que Deus criou o ser humano, e a morte é a partida definitiva para o seu criador. Santo Agostinho até fala que o coração do homem estará inquieto enquanto não repousar plenamente no seu criador que é Deus. Porém, a ato de voltar para a terra no autor de ‘O Pequeno Príncipe’ vai além da perspectiva cristã. A morte vista e entendida como o retorno para onde um dia ele partiu é sinal de que a vida ganhou o sentido buscado. Ou seja, o sentido não está no depois, mas na própria vida e suas possibilidades.

O segundo encontro do pequeno príncipe com a serpente acontece depois de um ano na Terra. O menino está com medo, mas confiante e com a vida cheia de sentido. E com suas últimas forças faz mais uma revelação para o seu amigo aviador. Depois de partir para sua estrela, o aviador poderá olhar o céu e sorrir com ele na certeza que em alguma delas está o seu amigo. E, não sabendo em qual delas ele está, chegará à conclusão que estará em todas. A saudade e o consolo são tudo o que resta na vida de quem fica. Não uma tristeza que afunda, mas um sentimento de alegria e que a vida não terminou: “Eu parecerei estar morto, e isso não será verdade...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.86) afirma ainda príncipezinho. Então o que é a morte para o pequeno príncipe? O que é não fica explícito, porém o que não é, fica bem claro: a morte não é o fim.

## CONCLUSÃO

A Obra ‘O Pequeno príncipe’, de Saint-Exupéry, que foi o ponto de partida de todo o nosso trabalho, desponta como um dos livros que marcaram a vida de várias gerações de

crianças e adolescentes. De certa forma, a imagem do pequeno príncipe, com sua ingenuidade e sabedoria, está no imaginário de muitas pessoas. O fato de ter estudado a obra não quer dizer que o assunto está esgotado, muito pelo contrário, não passou de um ponta-pé inicial para reflexões mais aprofundadas e, porque não dizer mais ousadas.

No decorrer do artigo verificou-se que fazer filosofia a partir da obra ‘O Pequeno Príncipe’, de Saint-Exupéry, é não só uma possibilidade, mas um jeito quase obrigatório de se ler o livro. O livro não é simplesmente uma história interessante, é também uma janela para reflexões filosóficas sustentadas pelas alegorias usadas no conjunto do escrito. É ainda, um incentivo para a construção de um sentido para a vida baseada em valores humanistas. O autor teve intenção de falar com seus leitores muito mais coisas do que simplesmente contar uma história bonita.

Saint-Exupéry foi um homem que viveu a vida sem deixar de refletir sobre a mesma. No trabalho certificou-se que tudo aquilo que viveu Saint-Exupéry influenciou no seu pensamento. O estudo, o trabalho e os seus relacionamentos foram fundamentais para entender e refletir os seus escritos. Uma pessoa que viveu e escreveu a partir da vida. Nada escapou de sua percepção ou de seus comentários. As guerras e suas aventuras no deserto como piloto deixam claras as bases de sua filosofia. O seu relacionamento amoroso com sua esposa pode até ser comparado com o relacionamento do pequeno príncipe com sua rosa.

A obra ‘O Pequeno Príncipe’ não é um escrito longo com reflexões cansativas e detalhadas, porém, demonstrou-se com o presente trabalho a riqueza das possibilidades de temas de filosofia a serem discutidos a partir da obra. A construção da identidade do ser humano, os seus relacionamentos e a morte foram apenas uma escolha entre outras possíveis. A ética, a estética, o tempo, a política e a cosmologia são outras propostas que poderiam tranquilamente fazer parte de nosso estudo.

Com o estudo do livro ‘O Pequeno Príncipe’ demonstrou-se que, com um olhar atento e focado nas alegorias, analisar filosoficamente o texto é algo perfeitamente possível e até mesmo necessário para uma constante atualização do pensamento do autor e da nossa interpretação. A alegoria nos dá essa liberdade de interpretação, o que faz o trabalho ganhar em riqueza de detalhes e de visões. É uma obra aberta a muitos olhares e interpretações.

No desenvolvimento do estudo abriu-se caminhos para o estudo da filosofia. Uma iniciação e ao mesmo tempo um convite para um aprendizado. Ler as obras simples buscando a profundidade que o autor colocou nelas é ao mesmo tempo um desafio e uma satisfação.

Como afirmou o nosso príncipezinho: “só se vê bem com o coração”. A vida humana é feita de encontros e desencontros e tomando como início cada encontro e cada partida o ser humano constrói-se como pessoa e cria sentido para a sua existência.

Eis o desafio para o ensino da filosofia. Incentivar o olhar cuidadoso e crítico sobre tudo o que existe. A filosofia vista como uma doutrina de salvação, ou seja, como doutrina para sentido da vida, deve estar presente em todas as circunstâncias de estudo e aprendizagem do ser humano. O aprendizado que nos oferece o pequeno príncipe é que, construir a identidade humana, através do encontro com o outro e com o mundo, nos dá abertura para dar um sentido para a vida e conseqüentemente para a morte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *Confissões*. 8ª edição. São Paulo: Paulus, 1997.

BATISTA, J. B.. *O ser-para-morte em Heidegger: Uma problematização fenomenológica existencial*. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/FES/fes0501.htm>>. Acesso em 03 mar. 2010.

BUBER, M.. *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes, 1974.

BUZZI, A. R.. *A Identidade Humana: Modos de realização*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHALITA, G. & MELO, F.. *Cartas entre amigos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

FERRY, L.. *Aprender a Viver: Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LEVINAS, E.. *Ente nós: Ensaios sobre alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIMA VAZ, H. C. de. *Antropologia Filosófica Vol. II*. São Paulo: Loyola, 1992.

NOGUEIRA, J. C. *A Autenticidade e o ser-para-morte em Heidegger*. Em: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. (Org.). *A Arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007, p. 109-119.

PAIVA, C. F.. *Ele era para mim como uma fonte no deserto*. 2004. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Pouso Alegre, Pouso Alegre, 2004.

SAINT-EXUPÉRY, A.. *Cartas à minha mãe*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

\_\_\_\_\_. *Terra dos Homens*. 48ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005

RAVOUX, J.. *Donner um sens à l'existence*. Paris: Robert Laffont, 2008.

RODRIGUES, J. C.. *A morte numa perspectiva antropológica*. Em: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. (Org.). *A Arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Comenius, 2007, p. 129-136.